



ESCOLA DE
HUMANIDADES

BELT

Brazilian English Language Teaching Journal

BELT, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan.-dez. 2021
e-ISSN: 2178-3640

<http://dx.doi.org/10.15448/2178-3640.2021.1.39782>

SEÇÃO: ARTIGO

A língua inglesa na escola sob o ponto de vista de alunos e professores: implicações no ensino e na aprendizagem

English language at school from the point of view of students and teachers: implications on teaching and learning

Marina Hofstätter

Eidelwein¹

orcid.org/0000-0003-4066-7398

mh.eidelwein@hotmail.com

Livia Pretto Mottin¹

orcid.org/0000-0001-5722-3254

liviamottin@gmail.com

Recebido em: 22/12/2020.

Aprovado em: 17/04/2021.

Publicado em: 27/07/2021.

Resumo: Considerando o inglês como um idioma que tem assumido um papel cada vez mais importante no mundo globalizado em que vivemos, faz-se necessário avaliar de que forma essa língua tem sido vista e, conseqüentemente, ensinada nas escolas. Desse modo, o presente artigo analisa pontos de vista de alunos e professores sobre a língua inglesa, bem como implicações didático-metodológicas do ensino da língua em sala de aula, com base em entrevistas não dirigidas semiestruturadas com professores de inglês e com alunos do terceiro ano do ensino médio de duas escolas públicas estaduais do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, Brasil. Os resultados apontam que a língua inglesa tem sido vista como uma língua franca global, possível de ser utilizada em diferentes contextos comunicativos como língua adicional, trazendo muitos benefícios aos falantes e, por conseguinte, fazendo com que o interesse por sua aprendizagem aumente. No entanto, constatou-se que a metodologia adotada nas escolas não proporciona o desenvolvimento das habilidades necessárias para que esse idioma seja colocado em uso, sendo esse um fator preponderante para a desmotivação dos estudantes, que não veem razão para estudar regras gramaticais de forma descontextualizada e repetitiva. Sinaliza -se, portanto, que o ensino de inglês na escola precisa estar voltado para o desenvolvimento de projetos baseados em tarefas que busquem proporcionar aos estudantes situações reais de uso da língua, através das quais seja possível o desenvolvimento de uma competência linguística voltada para o princípio da inteligibilidade.

Palavras-chave: língua inglesa, ensino e aprendizagem, visão de alunos e professores

Abstract: Considering English as a language that has assumed an increasingly important role in the globalized world where we live, it is necessary to assess how this language has been seen and, consequently, taught in schools. Thus, this article analyzes the views of students and teachers about the English language, as well as the didactic-methodological implications of language teaching in the classroom, based on semi-structured non-directed interviews. The interviews were carried out with English teachers and students of the third year of high school at two state public schools in Vale do Taquari, in Rio Grande do Sul, Brazil. The results show that the English language has been seen as a global lingua franca, which can be used in different communicative contexts as an additional language, bringing many benefits to speakers and, therefore, increasing interest in its learning. However, it was found that the methodology adopted in schools does not provide the necessary development of skills for this language to be put on use, which is a major factor for the demotivation of students, that see no reason to study grammar rules in a decontextualized and repetitive way. Therefore, it is indicated that the teaching of English at school needs to be focused on the development of projects based on tasks that seek to provide students with real language use situations, through which it is possible to develop linguistic competence focused on the principle of intelligibility.

Keywords: english language, teaching and learning, view of students and teachers



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado, RS, Brasil.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais marcada pela globalização e pelo uso de tecnologias, o que tem interferido na forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Tornar-se um cidadão do mundo, portanto, capaz de participar e intervir de forma atuante não apenas no contexto local, mas também global, exige capacidade de interação com os diferentes povos, suas culturas e suas formas de agir, o que passa pela necessidade de estabelecimento de uma comunicação viável entre aqueles que fazem parte desse cenário globalizado. Assim, quanto maior for nosso conhecimento e nossa competência linguística, estendendo-se, nesse caso, a outras línguas que não sejam apenas a materna, maior será nossa interação e intervenção no mundo.

Nesse sentido, é preciso pensar no inglês como um idioma que, conforme aponta Crystal (2003), tem sido considerado uma língua global. Saber comunicar-se em inglês, atualmente, significa ter novas possibilidades de acesso ao conhecimento e de participação social. Em vista disso, o ensino de inglês é considerado obrigatório nas escolas brasileiras a partir do sexto ano do Ensino Fundamental (Brasil, 2017), afinal, levar os alunos a se aventurarem pelos caminhos da aprendizagem de uma língua adicional, como o inglês, é um passo importante para torná-los cidadãos mais participativos, críticos e ativos na sociedade.

No entanto, estudos apontam que o ensino de inglês no Brasil não possibilita a formação de estudantes com um bom nível de competência no idioma (British Council, 2014). Esses alunos não conseguem atingir os propósitos comunicativos das situações a que são expostos, sejam eles assistir a um filme sem a necessidade de legendas, ler instruções de *games* em inglês com autonomia, interagir em viagens para o exterior, conseguir um emprego que exija conhecimento do idioma ou ler notícias em *sites* internacionais, por exemplo.

Assim, levando em conta que os objetivos do ensino e da aprendizagem da língua inglesa na escola passam, necessariamente, pela forma como essa língua é vista pelos principais atores do processo educacional, professores e alunos, questiona-se quais são as visões

de língua inglesa que predominam nas escolas de educação básica, e de que forma essas visões podem interferir no ensino e na aprendizagem de inglês, tendo em vista as oportunidades e os horizontes que podem ser desvendados por meio da língua inglesa e que, no entanto, parecem ser, muitas vezes, suprimidos.

Tomando, pois, o ensino de inglês nas escolas públicas brasileiras como objeto de estudo, tem-se como objetivo central discutir resultados de investigações em relação às visões de língua inglesa predominantes entre alunos e professores de turmas de 3.º ano do ensino médio de duas escolas públicas estaduais do Vale do Taquari, bem como esclarecer de que modo essas visões podem influenciar no ensino e na aprendizagem desse idioma. Além disso, objetiva-se identificar quais outros aspectos influenciam no ensino da língua inglesa; sinalizar exemplos de práticas de ensino dessa língua que, através da inserção do aluno em situações reais de uso, ampliam suas possibilidades de intervenção na sociedade de forma crítica e atuante; e apontar possíveis caminhos para o ensino da língua inglesa no contexto das escolas públicas brasileiras, buscando inserir os alunos em práticas de uso social do idioma, a fim de que o considerem como uma língua franca e um instrumento de comunicação viável no momento e no lugar em que se encontram.

Visões da língua inglesa e suas implicações

O aprendizado de uma nova língua é, sem dúvidas, uma das chaves para o acesso a panoramas com vistas à participação mais ativa, crítica e consciente na sociedade. Nesse sentido, o papel da língua inglesa torna-se elucidativo. Reconhecido como o idioma da *internet*, da comunicação entre os povos e da divulgação do conhecimento científico, o inglês tem representado uma função cada vez mais essencial, desligando-se do conceito de língua estrangeira e ultrapassando limites territoriais. Corroborando essa ideia, Leffa e Irala (2014) apontam que

A distância geográfica deixa de ser um critério confiável para dimensionar a distância que nos separa das línguas que estudamos ou falamos.

Além do mais, no mundo conectado de hoje, com a expansão dos meios de comunicação de massa, da internet, do cinema, dos games, das redes sociais, podemos estar mais próximos da língua de um país vizinho. (p. 32)

A crescente desterritorialização da língua inglesa tem ocasionado implicações políticas, econômicas, sociais, culturais, educacionais, e faz com que esse idioma adquira *status* de língua global. Assim, compreende-se o gradativo interesse pela aprendizagem desse idioma. Segundo Anjos (2016, p. 99), "(...) a língua inglesa tem sido a língua dos esportes, dos filmes, da diplomacia, da ciência, do mundo acadêmico, dos desenhos, da publicidade, dos congressos e dos negócios", o que justifica o fato de um quinto da população mundial falar essa língua com algum grau de competência e de outro um quinto estar buscando aprendê-la (Anjos, 2016).

Dessa forma, tendo em vista que o presente artigo está voltado para a aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar, faz-se necessário analisar diferentes concepções de língua e suas relações com as práticas pedagógicas desenvolvidas nos ambientes escolares, afinal, como afirmam e questionam Leffa e Irala (2014, p. 30),

(...) precisamos definir também o que entendemos por "outra língua". Até que ponto o sistema abstrato dessa outra língua aproxima -se ou distancia-se do sistema que já conhecemos? Como ficam as práticas sociais nessa outra língua? Constituirá ela outro sujeito ao lado do que já somos ou adicionará uma nova identidade às que já temos? Tudo isso traz implicações metodológicas para a sala de aula (...).

Em vista disso, o ensino de uma outra língua na escola exige um olhar atento sobre as implicações de sua aprendizagem no dia a dia dos estudantes, o que depende, entre outros fatores, da forma como essa língua é vista e, portanto, ensinada. Ainda de acordo com Leffa e Irala (2014), se a língua em estudo não for falada pela comunidade onde o aluno está inserido, ela será considerada estrangeira, levando-se em conta, pois, a questão territorial como primordial. No entanto, compreendendo que a língua inglesa já se encontra inserida em muitas práticas sociais brasileiras e não pertence apenas às nações que possuem o

inglês como língua oficial, o conceito de ensino de língua estrangeira torna-se cada vez mais distante. Um ensino que considera a língua inglesa como estrangeira passa a compreendê-la como a língua do outro, pertencente àquele que a domina dentro dos limites geograficamente estabelecidos, e não considera como sua uma língua que não tenha sido adquirida desde o nascimento.

Nessa perspectiva, pesquisadores como Crystal (2003) apontam que, ao se tornar global, a língua deixa de ser posse de alguém:

De fato, se há uma consequência previsível de uma língua se tornar uma língua global, é que ninguém a possui mais. Ou melhor, todo mundo que aprendeu, agora a possui - 'tem uma participação' pode ser mais preciso - e tem o direito de usá-la da maneira que quiser. (Crystal, 2003, pp. 2-3, tradução nossa)

Posto isso, se for concebida como língua estrangeira, a língua inglesa deixa de representar seu *status* de língua global, passando a ser vista apenas como o idioma de seus falantes nativos. Essa visão da língua inglesa como estrangeira, entretanto, não compactua com a perspectiva de ensino de inglês como língua franca, que é defendida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), conforme discutiremos na próxima seção.

Outro conceito comumente adotado no ensino de línguas é o de língua adicional. Por esse ângulo, considerando que todos possuímos uma língua materna da qual fazemos uso diariamente, a aprendizagem de uma outra língua possui um caráter de acréscimo, sendo inúmeros os objetivos do aluno ao estudar essa língua, assim como apontam Leffa e Irala (2014, pp. 34-35):

A língua adicional, por exemplo, poderá ser a língua do trabalho (receber hóspedes em um hotel, traduzir manuais, atender os clientes em um call center), do estudo (ler textos, preparar abstracts, pesquisar na internet) ou do lazer (cantar as músicas preferidas, jogar no tablet, ler um romance lançado no exterior). Funciona numa espécie de distribuição complementar com a língua materna, que será (ou não), preferencialmente usada em outros contextos (na vida familiar, com os amigos, nos serviços públicos).

Leffa e Irala (2014, p. 33) também afirmam que "o enunciado é construído não a partir da língua que está sendo estudada, mas da língua do aluno,

para depois fazer a transposição para a outra língua, de temas geradores que façam sentido para o aluno". Assim, ao fazer uso da língua adicional, será possível, portanto, alicerçar-se no conhecimento de sua própria língua, compreendendo que as variedades linguísticas existentes precisam ser consideradas e respeitadas.

Desse modo, torna-se cada vez mais presente a compreensão de que o inglês precisa ser abordado nos educandários como uma língua que já faz parte do dia a dia dos estudantes, podendo, portanto, ser utilizada como forma de comunicação no lugar e no momento em que se encontram. Assim, além de assumir o *status* de língua global, o inglês precisa ser tratado com uma língua franca, viabilizando a interação comunicativa entre os povos. De acordo com Jenkins (2007, p. 1 citado por Anjos, 2016, p. 98), "o termo "língua franca" é usado para definir "uma língua de contato usada entre povos que não compartilham uma primeira língua e é comumente entendida como querendo significar uma segunda língua de seus falantes".

Logo, a língua inglesa tem adquirido o *status* de língua franca global, ou seja, uma língua que, além de não pertencer mais a um território específico, é utilizada por falantes nativos e não nativos como uma forma de comunicação viável, atingindo os propósitos comunicativos dos interlocutores. Em virtude do *status* que assumiu, segundo Berto (2009), a língua inglesa apresenta um novo vocabulário, novas regras gramaticais e nova pronúncia, adequando-se às necessidades dos falantes e sendo moldada tanto pelos não nativos quanto pelos nativos. Jenkins (2009, p. 201, tradução nossa), ao falar sobre o inglês como língua franca (ELF), aponta que

(...) não importa de qual círculo de uso viemos, do ponto de vista de ELF, todos nós precisamos fazer ajustes em nossa variedade de inglês local para o benefício de nossos interlocutores quando participamos da comunicação língua franca em inglês. ELF é, portanto, uma questão, não de orientação para as normas de um grupo particular de falantes de inglês, mas de negociação mútua envolvendo esforços e ajustes de todas as partes.

Considerando, dessa forma, a importância da inteligibilidade do inglês enquanto língua franca,

faz-se necessário pensar de que forma o ensino dessa língua precisa acontecer nas escolas para que se atinjam os objetivos propostos. Sobre isso, Berto (2009, p. 21) discorre que é possível desenvolver mais níveis de conversação e de comunicação na sala de aula se não houver tanta preocupação com erros insignificantes que não interferem na comunicação e são inteligíveis pelos falantes.

Pensar no ensino de inglês como língua franca (ILF), nesse sentido, faz com que o propósito seja, acima de tudo, uma comunicação viável, permitindo que os falantes possam interagir através de uma língua comum. Ademais, o aprendizado de inglês como língua franca proporciona uma série de benefícios aos falantes, assim como corrobora Siqueira (2011, p. 110 citado por Rosa, 2016, p. 406):

Ensinar e aprender Inglês compreendendo-o como ILF possibilita: refletir sobre o papel dessa língua no cenário mundial; revisar os conceitos de língua; repensar o ensino de ILE e o modelo de falante nativo orientados pelos países do círculo interno; desconstruir o paradigma do aprendiz de LI como nativo imperfeito; desenvolver a pedagogia intercultural; ressignificar os motivos pelos quais se aprende a língua; incorporar outras variedades do Inglês; e, entre outras possibilidades, "ultrapassar e superar estruturas de pensamento, concepções e práticas que não mais respondem (se é que em algum momento responderam) às verdadeiras necessidades dos aprendizes globais de Inglês".

Esses e outros aspectos relativos ao ensino de inglês como língua franca ainda precisam ser amplamente discutidos nas escolas, principalmente, se o que pretendemos é uma aprendizagem com vistas à participação ativa dos estudantes na sociedade em que estão inseridos. Considerando a relevância desse tema nos contextos educacionais atuais, esse artigo discutirá, em sua próxima seção, a respeito do ensino de inglês na escola pública.

Língua inglesa na escola pública

Levando-se em conta a obrigatoriedade do ensino de inglês nas escolas brasileiras, questiona-se qual é o valor que tem sido dado à aprendizagem dessa língua, afinal, nosso país ainda enfrenta muitos desafios nesse sentido, tais como a falta de recursos didáticos, a desvalorização e o distanciamento da língua, turmas

grandes e heterogêneas, e a baixa valorização dos profissionais (British Council, 2015). Corroborando esses dados, Marzari e Gehres (2015 citado por Selhorst & Carvalho, 2017, p. 92) apontam que

(...) o processo de aprendizagem – como neste caso mais especificamente da língua inglesa nas escolas públicas – é um grande desafio para alunos e professores, que enfrentam problemas como: falta de material didático adequado; carga horária insuficiente para a eficácia do ensino; grande número de alunos por sala; falta de espaços de interação fora dos contextos formais do ensino; despreparo dos professores; e consecutivo desinteresse dos alunos em relação à disciplina.

Assim, a falta de motivação dos estudantes, que muitas vezes não veem sentido no que aprendem nas aulas de língua inglesa, também é um fator que contribui para essas constatações. O que se discute, no entanto, é sobre quais aprendizagens de língua estamos falando e qual é o real objetivo do ensino de inglês nas escolas. Diferentemente do que muitos supõem, o ensino da língua inglesa não objetiva formar indivíduos capazes de participar de toda e qualquer situação comunicativa na língua adicional e, ainda mais, de forma imediata. O que se espera é que a aula de língua inglesa seja um espaço propício ao envolvimento do aluno em situações que utilizam essa língua alvo, à qual o aprendiz precisa recorrer na busca de soluções para as questões levantadas no "aqui" e no "agora", e não apenas no amanhã, assim como reitera o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul:

(...) aprender uma língua adicional desvincula-se da ideia de aprender a língua para usar depois, em outro lugar e num futuro distante. Na aula de língua, se aprende a usar a língua para agir ali mesmo, com os outros já presentes, e realizar atividades individuais e coletivas para reconhecer-se e ser reconhecido como integrante do grupo do qual participa ou do qual quer participar. (Rio Grande do Sul, 2009, pp. 130-131)

Tendo em vista os aspectos acima citados, compreende-se que o ensino da língua inglesa vai muito além das regras gramaticais comumente aprendidas e memorizadas. Ensinar uma língua, nesse caso, consiste em proporcionar situações reais de uso, nas quais os estudantes deparam-se

com situações comunicativas possíveis, viabilizando a formação de um cidadão crítico, criativo e atuante na sociedade, assim como discutem Margarete Schlatter e Pedro Moraes Garcez (2012) ao afirmarem que é responsabilidade da escola possibilitar o acesso a línguas adicionais para que o educando possa conhecer, participar e dar novos contornos à realidade; transitar na diversidade; refletir sobre o mundo em que se vive e agir crítica e criativamente.

Faz-se necessário, portanto, voltarmos nosso olhar para a forma como o ensino da língua inglesa vem sendo proposto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental (Brasil, 1998), ao tratarem acerca da importância da inclusão de uma outra língua no currículo e de como o ensino dessa língua precisa pautar-se na interação social, a fim de que a aprendizagem seja significativa aos alunos, não resumindo-se apenas em exercícios descontextualizados e, por consequência, desinteressantes, apontam que

(...) há uma tendência a se organizar os conteúdos de maneira excessivamente simplificada, em torno de diálogos pouco significativos para os alunos ou de pequenos textos, muitas vezes descontextualizados, seguidos de exploração das palavras e das estruturas gramaticais, trabalhados em forma de exercícios de tradução, cópia, transformação e repetição. (Brasil, 1998, p. 54)

Nesse sentido, os PCN do ensino médio (2000) apontam a necessidade de atribuir à língua o papel de viabilizadora da aprendizagem de novos conhecimentos em diferentes áreas, desvinculando-se da ideia de que, para comunicar-se bem, o aluno precisa produzir enunciados perfeitamente corretos sob o ponto de vista gramatical:

Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino de Línguas Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão. Nessa linha de pensamento, deixa de ter sentido o ensino de línguas que objetiva apenas o conhecimento metalinguístico e o domínio consciente de regras gramaticais que permitem, quando muito, alcançar resultados puramente medianos em exames escritos. (Brasil, 2000, p. 26)

Essa competência linguística de que tratam os PCN permite que o aluno seja capaz de transitar por diferentes contextos, exercendo seu papel de cidadão ativo. Por sua vez, a BNCC (Brasil, 2018) revela que o inglês não é mais a língua do estrangeiro, considerando que seu tratamento como língua franca "(...) o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, conseqüentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais" (Brasil, 2018, p. 242).

Destarte, a BNCC (Brasil, 2018) aponta para a percepção de que as culturas estão cada vez mais conectadas umas às outras, ampliando as relações entre as pessoas e, conseqüentemente, o papel da língua inglesa. Em relação ao multiletramento, afirma-se que "(...) saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação" (Brasil, 2018, p. 242). Já no que diz respeito às abordagens de ensino, declara-se que o professor precisa estar ciente de que é necessário tratar todas as formas de expressão na língua inglesa como legítimas, visando à construção de um repertório linguístico.

Embora esses pressupostos guiem a organização das aprendizagens de língua inglesa na BNCC para os anos finais do ensino fundamental, na etapa do ensino médio, caracterizada pela distribuição por áreas do conhecimento que integram diferentes componentes do currículo, a língua inglesa continua sendo entendida como uma língua de caráter global, compreendida em seu *status* de língua franca. Nessa perspectiva, no ensino médio, a BNCC traz a importância de se ensinar a língua de forma contextualizada por meio das práticas de linguagem dos diversos campos de atuação (campo da vida pessoal, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e campo artístico), possibilitando que os estudantes explorem a multiplicidade de usos da língua e ampliem suas perspectivas em relação à vida pessoal e profissional (Brasil, 2018).

Logo, pode-se evidenciar a importância da clareza necessária quanto aos objetivos de ensino. De acordo com o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (2009), os objetivos do ensino de línguas adicionais estão relacionados à "Educação linguística e autoconhecimento", que permitem ao aluno conhecer a si próprio e aos outros sob a perspectiva de uma outra língua; à "Educação linguística e letramento", que possibilitam ao aluno a visão dos recursos linguísticos de que já dispõe, para que possa superar seus próprios limites; e à "Educação linguística e proficiência para ler, escrever e resolver problemas", que visam mais uma vez ao contato com a língua viva, em situações reais de uso, das quais poderão participar cada vez mais a partir do aprendizado desenvolvido na língua adicional.

O primeiro ponto a destacar, nesse sentido, é o uso do texto como elemento central e essencial, afinal é a partir dele e da discussão sobre ele que "(...) podemos refletir sobre o que é dito e o que não está dito; o que está explicitado e o que é pressuposto; as convenções implícitas e compartilhadas, cruciais para a participação em qualquer comunidade de práticas" (Rio Grande do Sul, 2009, p. 136). Assim, devem ser delimitados temas significativos a serem abordados em sala de aula, bem como os gêneros do discurso que nortearão o estudo dessa temática e aqueles que servirão de apoio.

Sob essa perspectiva, uma das formas de trabalhar com temáticas relevantes para os alunos é através da realização de projetos. A partir de uma temática pré-estabelecida, que vai ao encontro dos anseios e das necessidades dos alunos, são propostas tarefas que visam à obtenção de um produto final que dará sentido ao projeto. De acordo com Leffa e Irala (2014, p. 38), "Tarefas e projeto integram-se numa relação parte/todo, sendo o projeto constituído de tarefas, vistas como etapas que devem ser vencidas para se chegar ao produto final".

Desse modo, após a definição da temática, cada tarefa precisa ser pensada de modo a contemplar um momento de preparação, com atividades que irão motivar e preparar o aluno

para o assunto abordado; um momento de protagonismo, no qual ele produzirá algo a partir do que está estudando; e, por fim, um momento de autoavaliação e verificação da aprendizagem, que possibilitará ao aluno perceber o que ele sabia antes do desenvolvimento do projeto e após a sua conclusão (Schlatter & Garcez, 2012).

Dessarte et al. (2012) ainda apontam que o trabalho com projetos e, por conseguinte, com temáticas importantes para os alunos, oportuniza a idealização de novas perspectivas através da língua adicional: "Ao encontrarem espaço para tratar de temáticas relevantes enquanto se aventuram por novos modos e meios de expressão materializados na língua adicional, os estudantes vão assim contemplando novos horizontes de participação possível" (Schlatter & Garcez, 2012, p. 60).

Sendo assim, precisam ser proporcionados cada vez mais espaços que estimulem e encorajem os estudantes a vivenciarem experiências diversas com a língua adicional, desenvolvendo habilidades e competências comunicativas que os permitam atuar de forma ativa nos diferentes contextos em que a língua inglesa se faz presente.

Pesquisas anteriores, realizadas no contexto da rede pública brasileira a respeito do ensino de língua inglesa, apontam que a metodologia utilizada em sala de aula é fator preponderante para o sucesso do ensino e da aprendizagem do idioma. Coelho (2005), em sua pesquisa sobre as crenças de alunos e professores em relação ao ensino de inglês na escola pública, revela que os resultados encontrados apontam para a crença, por parte dos professores, de que só é possível ensinar estruturas básicas aos alunos. No que se refere aos estudantes, os resultados indicam que eles anseiam por um ensino de inglês que lhes proporcione, de forma progressiva, maior conhecimento do idioma. Isso posto, percebe-se que o enfoque dado ao ensino de inglês pelos professores não corresponde às expectativas dos alunos, o que perpassa pela metodologia adotada.

Por sua vez, Marzari e Badke (2013, p. 16), ao analisarem os discursos de professores de língua inglesa de escolas públicas revelam as principais dificuldades enfrentadas por alunos e professores de acordo com a pesquisa, sendo elas:

(...) a reduzida carga horária destinada ao ensino de LEs; a falta de tempo e de condições financeiras por parte da maioria dos professores para aperfeiçoar seus conhecimentos em relação à língua que ensinam; a falta de motivação para aprender por parte dos alunos, que não veem relevância na aprendizagem do idioma ou que não acreditam na proposta pedagógica da escola pública; e na carência de políticas educacionais voltadas à valorização do magistério, particularmente, no que diz respeito ao ensino de LEs no contexto brasileiro.

Selhorst e Carvalho (2017), em estudo realizado a respeito da visão dos alunos sobre a língua inglesa na escola pública, ressaltam que os resultados encontrados demonstram que a grande maioria dos alunos considera o inglês como um idioma importante e útil para suas vidas. O estudo também apontou que a maioria dos estudantes considera que as aulas de língua inglesa são boas, mas que poderiam melhorar, o que mais uma vez assinala a necessidade de uma metodologia diferenciada nas aulas de língua inglesa dos educandários públicos brasileiros.

Metodologia

Considerando-se que os objetivos centrais da pesquisa se referem às visões de língua inglesa predominantes entre alunos e professores e às possíveis influências delas no ensino e na aprendizagem do idioma, os procedimentos metodológicos adotados partiram do pressuposto de que é preciso conhecer de perto o que professores e estudantes pensam e no que acreditam sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa na escola. Birello (2012), em entrevista com Simon Borg, revela a afirmação do professor:

(...) há crenças, conhecimentos e construtos relacionados que influenciam o que os professores fazem, (...) se quisermos entender plenamente o que os professores fazem, não podemos focar somente na maneira como agem, precisamos compreender suas crenças, seu conhecimento, suas atitudes e seus sentimentos.

A declaração de Borg esclarece que se faz necessário conhecer de forma mais profunda as crenças dos professores para que seja possível compreender como eles atuam.

De igual forma, torna-se essencial dar voz aos estudantes para que sejam compreendidas suas

visões a respeito da língua inglesa e, consequentemente, seja viável uma percepção sobre suas crenças a respeito das próprias aprendizagens. Selhorst e Carvalho (2017, p. 92) apontam que

Estudar um tema a partir do ponto de vista dos alunos democratiza a educação e legitima os alunos como sujeitos de um processo do qual fazem parte, embora estes ainda sejam muitas vezes vistos como figuras secundárias nas discussões acerca desse processo.

Assim, a fim de se investigar o contexto da sala de aula, foram realizadas entrevistas não dirigidas semiestruturadas com professores de inglês e alunos do terceiro ano do ensino médio de duas escolas públicas estaduais do Vale do Taquari. Ao optar-se por duas escolas ao invés de restringir-se a apenas uma, intencionou-se fazer com que mais de um professor de língua inglesa e seus alunos pudessem ser entrevistados, não limitando-se apenas a uma realidade educacional. Além disso, cabe-nos ressaltar que a escolha por turmas de terceiro ano do ensino médio deu-se em virtude desses alunos encontrarem-se no último ano da etapa que encerra a educação básica, o que lhes confere maior propriedade para falar a respeito do ensino e da aprendizagem de língua inglesa na escola.

As perguntas das entrevistas foram elaboradas baseando-se nas questões que nortearam a pesquisa: de que forma a visão que alunos e professores de escolas públicas do Vale do Taquari têm sobre a língua inglesa pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem da mesma?; quais são os maiores desafios para o ensino e a aprendizagem da língua inglesa apontados por professores e alunos de escolas públicas do Vale do Taquari?; como o ensino da língua inglesa pode contribuir para que os alunos a considerem uma língua franca e uma forma de comunicação viável no "aqui" e "agora"?; que exemplos de práticas de ensino de língua inglesa podem ser mencionadas como colaborativas(ou não) para a inserção social do aluno através da língua adicional?

Com o propósito de responder tais questões, as entrevistas foram elaboradas pelas autoras, embasando-se em estudos que apontam indicadores sobre o ensino da língua inglesa nas escolas públicas brasileiras, como os já referidos estudos realizados pelo British Council (2014, 2015). As perguntas foram pensadas levando-se em consideração, também, o que preveem os documentos norteadores da educação brasileira: Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000); Referências Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul (2009) e a Base Nacional Comum Curricular (2018).

As entrevistas foram realizadas de forma individual, tanto com professores quanto com alunos. Em relação aos docentes, as perguntas foram feitas de acordo com o seguinte roteiro (Quadro 1):

Quadro 1 – Perguntas feitas aos professores na entrevista semiestruturada

1. Na sua percepção, por que aprender inglês é importante atualmente?
2. Para você, quais são os principais objetivos/propósitos do ensino e da aprendizagem de inglês na Educação Básica?
3. Considerando a sua experiência como professor de inglês, numa escala de zero a dez, em que dez é extremamente interessado e zero é nada interessado, como você avalia o interesse dos alunos pela aprendizagem de inglês na escola? Por quê? Como você justifica essa nota?
4. Na sua opinião, quais são os fatores/aspectos que favorecem o ensino de inglês na escola?
5. Na sua opinião, quais são os fatores/aspectos que dificultam o ensino de inglês na escola?
6. Como professor, quais tipos de atividades são predominantes em suas aulas de inglês?
7. Como professor, quais práticas pedagógicas/experiências realizadas nas aulas de língua inglesa foram marcantes? Por quê?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que tange aos alunos, as questões realizadas nas entrevistas foram as dispostas no Quadro 2:

Quadro 2 – Perguntas feitas aos alunos na entrevista semiestruturada

1. Por quais razões você acha que é importante aprender inglês atualmente? Você pode citar três?
2. Considerando sua experiência como estudante de inglês, numa escala de zero a dez, em que dez é extremamente interessado e zero é nada interessado, como você avalia o seu interesse pela aprendizagem de inglês na escola? Por quê? Como você justifica essa nota?
3. Quais práticas/experiências que você vivenciou nas aulas de língua inglesa e que foram marcantes para você? Por quê?
4. E se você pudesse sugerir outras atividades, que atividades seriam essas?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados obtidos através das entrevistas foram gravados em áudio e posteriormente transcritos. A análise se deu com base em objetivos gerais e específicos, e as transcrições foram analisadas com o intuito de alcançar os propósitos estabelecidos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, cuja natureza é descritiva.

Faz-se necessário destacar que não foram estabelecidas correlações entre as respostas dos alunos e seus respectivos professores, tendo em vista que os estudantes não restringiram seus relatos apenas ao que estavam vivenciado naquele momento no que se refere ao ensino da língua inglesa na escola, ou seja, os discentes apontaram experiências relacionadas à aprendizagem de inglês durante diferentes etapas da vida escolar pelas quais passaram, posto que outros docentes também foram responsáveis por ministrarem aulas de inglês para esses alunos.

Ao todo, foram entrevistadas duas professoras, identificadas neste relato como Professoras A e B, e 46 estudantes, identificados através da palavra "Aluno" seguida de um número cardinal. Não foram feitas distinções entre alunos do gênero feminino e alunos do gênero masculino, sendo esse critério considerado indiferente para os fins almejados.

Análise e discussão dos dados

Visões de língua inglesa e suas influências no ensino e na aprendizagem

Uma língua que "todos estão falando"; uma língua "mundial"; uma língua "globalizada"; uma língua "universal"; a língua "mais importante do mundo". Expressões como essas foram frequentemente utilizadas pelas professoras e pelos estudantes ouvidos nesta pesquisa. Ao serem questionados sobre as razões pelas quais consideram importante a aprendizagem da língua inglesa atualmente, alunos e professores externaram suas percepções de que o inglês exerce um papel cada vez mais importante em nossa sociedade.

Através das palavras dos sujeitos da pesquisa, percebe-se que há conscientização em relação à necessidade de saber comunicar-se em inglês em um mundo cada vez mais globalizado, o que fica visível, por exemplo, através das palavras do Aluno 2: "Já que a gente vive, assim, em um mundo mais globalizado, o inglês se tornou meio que uma linguagem mundial, então quando tu vai se comunicar com uma pessoa do outro lado do mundo, ou seja, até mesmo no Japão, tu vai falar inglês" (comunicação pessoal). O Aluno 11 acredita que "(...) inglês é uma língua universal, assim, tipo, qualquer lugar que tu for, alguém pelo menos vai saber falar inglês, é a língua principal, então é necessário saber" (comunicação pessoal). Posto isso, é perceptível que uma das visões de língua inglesa predominantes entre os entrevistados é a de que essa é uma língua global, corroborando o que expõe Crystal (2003). Além disso, ao ser visto como um idioma utilizado em todo o mundo para estabelecer a comunicação viável entre os diferentes povos, o inglês também tem sido considerado uma língua franca, indo ao encontro do que é proposto pela BNCC (Brasil, 2018, p. 484), que reconhece a língua inglesa como uma "língua de caráter global – pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade –, assumindo seu viés de língua franca".

Entre os motivos citados pelos estudantes entrevistados para a importância de aprender inglês estão as viagens para o exterior, as possibilidades de intercâmbio e o destaque no mercado de trabalho. O Aluno 12 diz que "(...) ele seria muito bom pra eu me comunicar, tipo, se algum dia eu quiser fazer intercâmbio, posso fazer intercâmbio pra qualquer lugar se eu souber o inglês" (comunicação pessoal). Para o Aluno 16: "Eu acho que cada vez mais o mercado de trabalho tá pedindo qualificações, né, então até pra viajar, ou lidar com alguns certos trabalhos, é necessário ter uma certa qualificação no inglês" (comunicação pessoal). Conforme cita o Aluno 38, "o inglês é uma língua universal, e hoje, no mercado de trabalho, se tiver inglês tu *vai* tá um passo à frente de qualquer um, e pra, tipo, viajar, conhecer o mundo, se tu souber inglês tu *vai* pra qualquer lugar do mundo" (comunicação pessoal). A Professora A também cita que "hoje a facilidade que a gente tem de viajar é muito grande, então tu *saber* uma língua estrangeira é muito importante, facilitando essa comunicação" (comunicação pessoal). Além disso, de acordo com essa professora, os alunos que questionam a necessidade de aprender inglês poderão reconhecê-la no futuro: "Um dia vocês vão ver a importância da língua inglesa, no sentido de abrir horizontes, da comunicação, e cada vez mais importante no mundo atual" (Professora A, comunicação pessoal). Desse modo, pode-se afirmar que a língua inglesa tem sido considerada como um idioma que possibilitará oportunidades futuras, basicamente no que se refere a situações comunicativas fora do país de origem ou a possibilidades de emprego.

A pesquisa também revelou que muitos alunos e professores já percebem a língua inglesa como parte do cotidiano, como aponta o Aluno 8: "Eu acho que o inglês tá cada vez mais presente no nosso dia a dia, tanto no nosso país quanto fora (...)" (comunicação pessoal). Para o Aluno 29, "(...) muita coisa envolve o inglês, tipo, tu *vai* mexer numa rede social, tem inglês, tu *vai* escutar uma música, tem o inglês" (comunicação pessoal). O Aluno 39 agrega a isso "(...) também a questão de produtos que a gente usa, que nem livro,

por exemplo, tu *pode* ler na língua original e não precisar ler traduzido, jogos, enfim, séries (...)" (comunicação pessoal). Da mesma forma, a Professora B também sinaliza que o "(...) inglês é a vida da gente, na verdade. Muitos não se dão conta, mas ele tá no cotidiano, ele tá ali junto" (comunicação pessoal). Assim, o inglês mais uma vez é reconhecido como uma língua franca, um idioma do qual podemos fazer uso no local e no momento em que nos encontramos, corroborando o que propõe o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (2009). Para exemplificar esses usos, podemos citar atividades mencionadas pelos sujeitos da pesquisa, tais como assistir a uma série sem legendas; ouvir e compreender uma música em inglês; compreender instruções em língua inglesa para o uso de produtos ou jogos; utilizar a tecnologia, os aplicativos e as redes sociais para interagir em tempo real com pessoas que estão em diferentes partes do mundo; conversar com pessoas que migram para nosso país; conhecer novas culturas, enfim, são inúmeras as vantagens que a língua inglesa pode nos oferecer em nosso dia a dia e que já estão sendo reconhecidas por professores e alunos.

De acordo com o exposto, verifica-se que o inglês também é visto como uma língua adicional, que acrescenta diferentes possibilidades aos seus falantes, seja no presente ou no futuro, reforçando o que indicam Schlatter e Garcez (2012, p. 60):

Ao experimentarem os recursos disponíveis na língua adicional em novos espaços de aprendizagens, amplia-se imediatamente sua capacidade de ação nos demais componentes curriculares, com retorno também em termos de participação na comunidade escolar, nas comunidades locais e além delas.

Considerando, pois, as visões de língua inglesa predominantes, cabe-nos destacar que é evidente a importância dada à aprendizagem e ao ensino desse idioma atualmente. A maioria dos alunos, ao considerar o inglês como uma língua que está sendo cada vez mais usada em tempos de globalização, revelou interesse pela aprendizagem do idioma, visto que os dados encontrados estão em consonância com o apontado por Anjos (2016).

Nesse sentido, a maioria dos estudantes refe-

riu-se ao seu interesse pela língua inglesa com uma nota igual ou superior a sete, o que representa um alto índice de interesse. Como cita o Aluno 44: "Eu acho que um oito (...) eu gosto muito de programação, programação eu vou usar muito inglês e coisas assim (...) como que eu vou usar talvez no meu dia a dia, curso, até em jogos, tudo o inglês tá presente" (comunicação pessoal). Entre os estudantes que autoavaliaram seus interesses com essas notas, encontramos justificativas que variam desde o incentivo de professores e familiares, até a noção de que o inglês está em todos os lugares, passando pela própria motivação por ter compreendido algo; pelo gosto pela leitura em língua inglesa; a visualização de vídeos; a percepção do inglês como uma língua mundial; o uso de aplicativos e jogos; a audição de músicas; o aumento de possibilidades de emprego; a realização de cursos de inglês; a possibilidade de viajar; o conhecimento da língua adquirido de forma autodidata; a concepção do inglês como uma língua diferente e bonita; a comunicação com outras pessoas; e outros benefícios para o dia a dia.

Entre os estudantes que atribuíram nota seis ou inferior ao interesse pela língua, também encontramos diferentes justificativas para isso, sendo importante destacar que esses alunos veem o inglês como um idioma que será mais utilizado por eles no futuro, o que pode contribuir para que o interesse pela língua seja mais baixo, uma vez que, para eles, a língua inglesa não agrega tantos benefícios no presente. Segundo esses estudantes, o inglês é uma língua muito importante para o mundo do trabalho, principalmente em empresas e fábricas; para a realização de viagens; a compreensão de instruções em diferentes produtos; a comunicação entre países; a oportunidade de intercâmbios; a participação em eventos internacionais que são realizados no Brasil; o acolhimento a imigrantes, e também por considerarem o inglês como uma língua muito falada e universal, que abre portas no mundo globalizado em que vivemos e proporciona o conhecimento sobre novas coisas.

O baixo interesse desses alunos pela língua, segundo eles, ocorre devido à dificuldade que

encontram para aprender; o receio de não conseguirem utilizar o idioma; a visão política do inglês como pertencente aos EUA; a confusão causada pela mistura da língua inglesa com a língua alemã aprendida em casa e, principalmente, a metodologia de ensino das escolas, que além de focar muito no ensino de regras, proporciona poucos momentos em que a habilidade da fala é desenvolvida e aborda conteúdos que se tornam muito repetitivos. Nesse sentido, o Aluno 22, que atribuiu nota três ao seu interesse pela língua inglesa, diz:

Eu acho que as coisas que a gente aprende não são válidas, porque a gente aprende só as regras, a gente não aprende como falar. Se hoje eu precisasse falar com alguém, não saberia nada, e eu tô no terceiro ano, eu fico bem assustada (...) as regras eu acho que deveriam ficar pro terceiro ano, e nos outros anos a gente aprender a falar, aprender a ler. (Aluno 22, comunicação pessoal)

Desse modo, fica visível que, apesar de identificarem razões pelas quais a língua inglesa é importante, esses alunos apresentam um interesse menor pelo idioma, principalmente, por questões didáticas.

Semelhantemente, as professoras também responderam a uma pergunta relacionada ao interesse de seus estudantes pela língua inglesa. Segundo a Professora A, em média, seus alunos apresentam interesse de nota seis, enquanto para a Professora B, as notas podem variar de seis a nove, dependendo da turma. O desinteresse de alguns estudantes, segundo a Professora A, pode ocorrer por considerarem essa matéria como irrelevante para suas vidas, principalmente em virtude do excesso de disciplinas. Além disso, as docentes destacaram que muitos alunos se sentem constrangidos e envergonhados nas aulas, demonstrando receio de errar, o que também foi reconhecido pelos discentes. O Aluno 35, por exemplo, diz: "(...) eu não sou muito boa em inglês, eu até gosto, mas eu tenho dificuldade um pouco na pronúncia (...) eu poderia me sair melhor, aí eu fico um pouco desinteressada por causa da questão da pronúncia (...) eu fico com vergonha" (comunicação pessoal). Em relação a isso, a Professora B aponta sobre a importância

de conversar com os estudantes antes das atividades orais para que eles se conscientizem sobre o respeito que precisa haver na sala de aula.

Ademais, é bastante presente, para ambas as professoras, a compreensão de que a metodologia utilizada em sala de aula influencia no processo de ensino e de aprendizagem da língua, fazendo com que os estudantes se motivem ou percam o interesse pelo idioma. Conforme as próprias docentes, é preciso utilizar uma metodologia que faça com que os alunos percebam que o inglês está presente em nosso cotidiano, o que corrobora os estudos de Schlatter e Garcez (2012) ao apontarem a importância de tratar de temáticas pertinentes aos estudantes, que lhes permitam contemplar novas possibilidades de uso da língua alvo no dia a dia.

A Professora A, ao falar sobre os motivos que levam alguns alunos a desinteressarem-se pelo inglês, afirma que "(...) a questão metodológica, passa muito por isso, porque hoje em dia não tem quem não ouça música em inglês, não tem quem não vá ver um filme em inglês (...) ou camiseta, ou em qualquer lugar tá presente, e aí tu não *tem* como separar isso da nossa realidade atual" (comunicação pessoal). Nessa mesma perspectiva, a Professora B, ao ser questionada sobre os objetivos/propósitos do ensino e da aprendizagem de inglês na educação básica, aponta que, em seu ponto de vista, o principal objetivo deve ser "(...) estimular *eles*, proporcionar aulas diferentes pra eles, que cativem, que motivem (...)" (comunicação pessoal). Assim, as respostas das professoras estão em consonância com as dadas pelos estudantes no que se refere aos principais motivos que geram desinteresse pela aprendizagem de inglês na escola. Outrossim, as docentes entrevistadas reconhecem a importância da metodologia utilizada em sala de aula e compreendem que precisam despertar o interesse pela aprendizagem da língua em seus alunos.

Ensino de inglês no dia a dia da sala de aula

Ao ensino e à aprendizagem de uma língua adicional na escola estão inerentes aspectos que, muitas vezes, podem fazer com que alunos

e professores se sintam motivados ou percam o interesse por ensinar e aprender um novo idioma. Os dados da pesquisa realizada mostram que esses fatores costumam ser reconhecidos com certa facilidade por docentes e discentes. Dessa maneira, ao citar o que favorece o ensino de inglês na escola, a Professora A revela que o espaço escolar é propício ao desenvolvimento de muitas atividades que interessam aos estudantes, com resultados surpreendentes e muito gratificantes. A Professora B acrescenta que outros aspectos favoráveis são, por exemplo, a maturidade dos estudantes e o gosto dos professores por ensinar e estimular seus alunos.

Apesar disso, as professoras também apontam situações que desfavorecem o ensino e a aprendizagem. Em relação ao livro didático disponibilizado para as aulas de inglês, a Professora B afirma aproveitar bastante o material, enquanto a Professora A aponta que o livro não corresponde à realidade dos discentes, o que demonstra que ainda há impasses no que se refere ao material didático utilizado nas escolas. Além disso, no que tange a outros recursos didáticos, a Professora B afirma que comprou seu próprio rádio para trabalhar com música, pois na escola havia apenas um. Mesmo assim, segundo esta professora, a escola possui recursos para que diferentes possibilidades sejam oferecidas aos alunos, pois tem auditórios e aparelho de *data show* disponíveis, ainda que o uso da *internet* não seja sempre viável. Assim, fica claro que as escolas estão disponibilizando mais recursos para que diferentes oportunidades de aprendizagem sejam proporcionadas aos estudantes, mas, ao mesmo tempo, ainda há muito a ser feito no que diz respeito a essa questão, confirmando os estudos revelados pelo British Council (2015) em relação aos recursos didáticos disponíveis.

Outros fatores apontados pelas professoras como desfavoráveis são o curto tempo destinado às aulas de inglês e o grande número de alunos por turmas, o que também corrobora os dados apontados pelo British Council (2015). A Professora B, por exemplo, cita: "(...) é um mísero período, isso atrapalha, só um período" (comunicação pessoal).

Já a Professora A relata: "(...) a quantidade de alunos dentro das turmas (...) se tu *tem* um número pequeno de alunos, tu *consegue* trabalhar um *pair work*, tu *consegue* fazer uma atividade diferente, tu *consegue* ouvir *eles* falando (...)" (comunicação pessoal). Dessa forma, é visível que tanto o tempo quanto o número de estudantes em cada turma influenciam na forma como as aulas de língua inglesa ocorrem, pois como afirma a Professora B, "(...) às vezes a turma tem 24, 30 (alunos), aí quer fazer uma *conversaçãozinha*, de um ficar falando alguma coisa pro outro, essas perguntinhas e trocas, aí às vezes não dá tempo da turma inteira na mesma aula" (comunicação pessoal). A Professora A salienta ainda que, dependendo da atividade que é realizada na sala de aula, como trabalhos em pares, situações de conversação ou jogos, fica difícil controlar e organizar a turma em virtude do grande número de alunos.

Os discentes, por sua vez, mencionaram aspectos que vão ao encontro do que foi dito pelas professoras. O Aluno 42 aponta: "(...) eu acho que por ser um período só, o inglês *ele* não é passado da forma que deveria ser passado, daí a gente acaba aprendendo na corrida" (comunicação pessoal). O Aluno 21 afirma que considera importante ter mais de uma aula por semana, principalmente em virtude da necessidade de praticar o inglês. Esse mesmo aluno também se coloca no lugar dos professores ao revelar que "(...) uma professora *tá* com vinte e poucos alunos dentro da sala de aula, é muito mais difícil, é compreensível (...)" (comunicação pessoal). Dessa maneira, os discentes revelam ter consciência do que poderia ser modificado para que as aulas de língua inglesa fossem mais produtivas e significativas para eles.

Outro fato a destacar é que, dentre os fatores mencionados pelos estudantes e professores como elementos que influenciam no ensino e na aprendizagem de inglês, um deles recebeu maior enfoque: a metodologia. Sendo assim, cabe-nos analisar o que tem sido predominante nas aulas de inglês. A Professora A declarou que considera importante abordar funções básicas, estruturas gramaticais e, também, alguns textos que possam ser encaixados nas aulas, além de

vídeos e conversas sobre algum tópico. Segundo ela, atividades de compreensão oral (*listening*) e de fala (*speaking*) não são muito realizadas, considerando de fala as atividades em que os alunos repetem estruturas para que as memorizem. Essa professora também apontou que acredita ser importante trabalhar com questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e com tempos verbais, deixando claro sua percepção de que é imprescindível o trabalho com as estruturas da língua: "(...) no momento que tu *começa* a trabalhar com a língua em si, com estruturas, o teu progresso é visível" (comunicação pessoal).

A Professora B, por sua vez, alega que trabalha com interpretação e costuma aproveitar músicas e textos para abordar atividades gramaticais, nas quais inclui conteúdos já trabalhados, solicitando, por exemplo, que os estudantes retirem adjetivos, substantivos e verbos auxiliares dos materiais disponibilizados. Ela também costuma proporcionar momentos em que os discentes possam apresentar algo aos colegas, como diálogos e receitas, fazendo com que treinem a pronúncia. Nas palavras da própria professora: "Eu passo exercício, faço bem mais do que eu fazia antes, treino a pronúncia, faço exercício, treino a pronúncia, porque às vezes a gente fica só gramática, gramática, gramática e acaba não treinando pronúncia nenhuma" (Professora B, comunicação pessoal). Ademais, ela também incentiva seus alunos para que assistam a séries e escutem músicas, além de possibilitar a utilização de recursos como o dicionário e tradutores on-line em sala de aula.

De modo geral, pode-se dizer que as professoras entrevistadas apontaram com mais frequência o trabalho com a gramática, com as estruturas básicas da língua e com a pronúncia das palavras, sendo o texto usado para atividades de interpretação, mas muitas vezes também como um pretexto para estudos gramaticais, sem que uma exploração mais detalhada dele ou um trabalho com gêneros discursivos tenham sido mencionados. O desenvolvimento de habilidades foi pouco abordado, dado que algumas delas não foram nem mesmo citadas. Apesar disso,

atividades envolvendo músicas, vídeos, receitas, apresentações orais e diálogos foram apontadas, o que reflete que o trabalho com materiais autênticos e a proposição de situações nas quais os alunos façam uso da língua também ocorrem nas aulas, mesmo que não sejam predominantes.

No que toca à visão dos estudantes sobre a metodologia usada pelos professores, muitos são os relatos sobre o que os estudantes acreditam que poderia ser feito de forma diferente nas aulas, principalmente para que seus objetivos em relação à aprendizagem da língua inglesa fossem atingidos. Muitos alunos apontaram o estudo da gramática como predominante, pois mencionaram que as atividades são mais voltadas à aprendizagem de regras, visto que as mesmas, muitas vezes, são esquecidas e acabam não se tornando válidas para a comunicação, além de fazerem com que o interesse pela aprendizagem da língua diminua, o que está de acordo com o que revelam os PCN (Brasil, 1998). Nesse sentido, o Aluno 41 relata: "(...) o inglês da escola em si, eu não gosto muito, porque eu gosto mais da parte de falar, aí eles ensinam muito as regrinhas, acaba tirando meu interesse, eu queria mais aprender a falar em si e depois aprender as regras" (comunicação pessoal). O Aluno 19, por seu turno, diz: "Não que a escola *seje* ruim, mas a gente aprende muitas regras (...) a gente não aprende como se comunicar (...)" (comunicação pessoal). Esses relatos de estudantes demonstram que o que prevalece é o ensino de regras e não o desenvolvimento da competência linguística proposta pelos PCN do Ensino Médio (Brasil, 2000).

Além disso, os alunos também apontaram que o ensino de inglês na escola torna-se, muitas vezes, repetitivo, pois os conteúdos trabalhados no ensino fundamental se repetem no ensino médio, sendo alguns deles trabalhados todos os anos. O Aluno 14 esclarece esse ponto ao citar que:

(...) do sexto ao nono ano, até agora, eu tô aprendendo a mesma coisa que eu aprendi todos os anos (...) de fato, a gente não cria um interesse, né, por aprender inglês (...) começou com verbo *to be*, aí verbos comparativos, aí vai por isso, sabe (...). (comunicação pessoal)

O Aluno 20 também expõe sua opinião a respeito desse fato:

A gente aprende verbo *to be* sempre, todos os anos, até o terceiro ano, e cansa daí (...) tinha que ter mais coisas pra falar (...) pra tu *ver* que teu inglês tá bom, assim (...) daí fica muito na prova também, tipo, muita teoria na prova, sabe (...) eu estudo pra prova e depois acabo esquecendo. (comunicação pessoal)

Assim, a repetição de conteúdos é outro fator que contribui para que os estudantes percam o interesse pela aprendizagem de inglês e restrinjam a própria aprendizagem, muitas vezes, estudando apenas para que bons resultados sejam alcançados nas avaliações. Os dados encontrados corroboram o que em 1998 os PCN do Ensino Fundamental já apontavam:

(...) ao se entender a linguagem como prática social, como possibilidade de compreender e expressar opiniões, valores, sentimentos, informações, oralmente e por escrito, o estudo repetitivo de palavras e estruturas apenas resultará no desinteresse do aluno em relação à língua, principalmente porque, sem a oportunidade de arriscar-se a interpretá-la e a utilizá-la em suas funções de comunicação, acabará não vendo sentido em aprendê-la. (Brasil, 1998, p. 54)

Ou seja, os conteúdos a serem abordados nas aulas não podem estar ligados apenas ao aprendizado de conceitos e procedimentos, mas devem estar voltados ao desenvolvimento da consciência crítica sobre os valores e atitudes relacionados à língua no país, seus usos e a forma como cada um dos interlocutores é representado no discurso (Brasil, 1998).

Outro fator preponderante para os estudantes no que diz respeito à metodologia é a forma como as atividades são desenvolvidas. Segundo o Aluno 7, "normalmente a gente faz as atividades de ortografia, de gramática e daí, às vezes, música de completar" (comunicação pessoal). O Aluno 16 também relata que as atividades realizadas "não são tão diferentes, assim, são mais voltadas pra folhinha, copiar, exercícios" (comunicação pessoal). Esses relatos demonstram que as atividades realizadas acabam sendo repetitivas e, por vezes, mecânicas. Assim, na visão dos alunos,

não há muitos estímulos na escola para que a língua seja colocada em uso, em situações que de fato exijam a prática das habilidades necessárias para a comunicação. Conforme aponta o Aluno 15: "(...) a gente não é muito estimulado na escola, né, o que a gente aprende são as regras básicas, sempre de novo, a mesma coisa, e a gente não fala, a gente não pensa cultura, a gente só aprende as regras e não usa, só escreve, não usa pra nada" (comunicação pessoal). Em outras palavras, pode-se dizer que os discentes sentem a necessidade de um ensino mais voltado à proposição de tarefas através das quais possam interagir mais e praticar aquilo que aprendem na teoria, o que vai ao encontro de uma metodologia voltada à realização de projetos, como sugerem Schlatter e Garcez (2012).

Por conseguinte, a análise dos dados revela ser necessário considerar que a metodologia adotada nas aulas de língua inglesa precisa voltar-se mais para situações de aprendizagem que contribuam para o desenvolvimento de habilidades com vistas à participação e ação no mundo:

Nesse plano, o propósito talvez não seja primordialmente o desenvolvimento de um falante da língua inglesa que pretende atuar em espaços onde ela é dominante. Antes disso, interessa formar um cidadão apto a participar da vida social e do mundo do conhecimento que acontece *também em inglês* (ênfase adicional). (Schlatter & Garcez, 2012, p. 41)

Para tanto, precisam ser priorizadas atividades que visem à inteligibilidade no uso dessa língua adicional em diferentes situações comunicativas e não ao alcance de um nível de proficiência dos falantes nativos através do estudo sistemático de regras e estruturas gramaticais.

Experiências e práticas significativas nas aulas de língua inglesa

Levando em consideração o que professores e alunos mencionaram sobre a metodologia utilizada nas aulas em inglês, resta-nos, pois, conhecer experiências e práticas que foram marcantes na visão dos entrevistados e, portanto, significativas para o ensino e a aprendizagem da língua inglesa.

Através das palavras das professoras, foi pos-

sível conhecer diferentes situações de aprendizagens que, na visão delas, engajam e motivam os discentes a aprender a língua inglesa, principalmente por fazer com que os estudantes coloquem em uso os conhecimentos que têm sobre a língua e busquem aprender ainda mais. Nessa perspectiva, a Professora A cita que, para ela, "tudo que mexe com a tua emoção é mais fácil (...) a tua própria empatia com os alunos também, ela torna o teu ensinar mais fácil" (comunicação pessoal). Por conseguinte, ela lembra de uma atividade que emocionou muito seus estudantes, pois eles deveriam escolher uma pessoa para a qual gostariam de escrever algo como forma de gratidão. Segundo a professora, essa prática foi muito além do que ela imaginava, pois seus alunos se empenharam ao realizá-la e demonstraram-se emocionados ao realizarem a leitura do que haviam escrito. Para essa professora, sua satisfação como profissional está em reconhecer o gosto de seus estudantes pela aprendizagem, em perceber que depois de uma explicação sua, os discentes passaram a compreender algo que antes não entendiam. Ela acrescenta que aprecia muito o trabalho com jogos, pois dessa forma há mais interação, aproximando alunos e professora.

A Professora B, por sua vez, destaca experiências nas quais os alunos precisaram de bastante envolvimento e protagonismo, e cita o trabalho com receitas e músicas. De acordo com a docente, ela costuma sempre dar o exemplo, mostrar o que espera dos alunos e fazer com que percebam que todos podem participar, o que faz com que os estudantes se sintam mais à vontade e participem mais ativamente do que é proposto. No caso das receitas, os alunos precisaram apresentar o passo a passo, preparar o prato, que posteriormente seria degustado pelos colegas, e entregar a receita para todos da turma. Assim, segundo ela, os alunos não demonstraram tanto nervosismo no momento da apresentação, pois sabiam que depois haveria um momento de partilha do que prepararam. Já em relação às músicas, que também foram apresentadas à turma, a docente salienta que muitos alunos se demonstraram bem engajados na proposta, tocando instrumentos durante a

apresentação e cantando. Para essa professora, o apoio dado por ela aos alunos é fundamental para que todos participem. Assim, pode-se dizer que para essa professora é essencial dar o exemplo e colocar-se à disposição para ajudar os alunos a superarem suas inseguranças.

Os alunos, quando questionados sobre experiências marcantes nas aulas de inglês, apontaram, em sua grande maioria, situações nas quais a língua inglesa foi colocada em prática, mais uma vez revalidando o que indica o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul: "(...) a sala de aula pode ser um espaço para os participantes interagirem e, na busca por soluções, para alcançarem os objetivos propostos, lançarem mão de recursos linguísticos já conhecidos e aprenderem outros à medida que se fazem necessários" (Rio Grande do Sul, 2009, p. 130). Dentre todas as respostas, a que mais ganhou destaque foi a que enfatizava o trabalho com músicas, desde atividades envolvendo músicas infantis até o desenvolvimento de projetos na escola baseados em temáticas abordadas por músicas, passando inclusive pelo que foi mencionado pela Professora A no que se refere à emoção e aos sentimentos suscitados através das canções. Além disso, os alunos também apontaram que situações nas quais eles precisam ensinar algo aos colegas são muito marcantes, pois precisam ter o conhecimento para que possam passá-lo adiante. É o caso das apresentações de trabalhos, como as receitas, e dos momentos em que o professor solicita que os alunos ensinem o conteúdo uns aos outros. O Aluno 36 resume esse tipo de experiência como muito positiva:

(...) quando foi pra apresentar receita, que a gente precisou explicar, explicar tudo em inglês, decorar meio a receita, foi muito bom porque ficou fora daquela coisa de prova, prova, prova e só o conteúdo, e aí tu meio que colocou em prática o que que é o inglês de verdade. (comunicação pessoal)

O Aluno 40 lembrou de quando a turma analisou a letra de uma música que apresentava muitas gírias e fez a seguinte relação: "(...) a gente estuda as regras e coisas, bem na certa forma de escrita, só que nós, conversando no português, a gente tem as nossas gírias, e eles conversan-

do lá, em inglês, eles também vão ter as gírias deles (...)" (comunicação pessoal). Assim, o aluno demonstrou perceber a importância de conhecer como a língua inglesa é colocada em prática, seja em contextos formais ou informais.

Outras práticas apontadas como marcantes pelos alunos envolvem, principalmente, o trabalho com gêneros definidos e com propósitos comunicativos claros, tais como apresentações de teatros, produção de tutoriais, escrita de cartas e criação de cardápio, o que vai ao encontro da metodologia de projetos indicada por Schlatter e Garcez (2012, p. 74):

(...) é necessário decidir quais textos específicos serão foco das tarefas em sala de aula (gêneros do discurso estruturantes) e quais serão textos utilizados para ampliar ou aprofundar a compreensão das questões problematizadas, ou para trazer suporte técnico planejado, ou, ainda, que podem ser usados para um trabalho mais extensivo ao longo do desenvolvimento do projeto ou além dele (gêneros do discurso de apoio).

Ademais, foram mencionados: jogos, brincadeiras, conversas sobre alguma temática e, até mesmo, a presença de animais na escola, quando o assunto foi abordado. A questão cultural também foi citada pelos discentes, uma vez que atividades envolvendo o *Halloween*, jogos de *baseball* e, também, o estudo sobre os países que falam a língua inglesa foram destacadas. Além disso, outras situações de aprendizagem bastante simples, que não demandam muitos recursos para serem realizadas, também foram apontadas, tais como caça-palavras, cruzadinhas, leituras com temáticas interessantes precedidas de atividades de predição, pronúncia de palavras através da repetição da leitura da professora, questões de vestibulares, frases passadas diariamente no quadro e até mesmo avaliações de recuperação bem-sucedidas.

Outrossim, os estudantes sugeriram atividades que poderiam ser realizadas em sala de aula. Para citar algumas das práticas podemos mencionar rodas de conversas em inglês sobre o cotidiano escolar; jogos que podem envolver a cultura de países de língua inglesa; apresentações e trabalhos em grupos; brincadeiras e gincanas;

atividades com o uso do dicionário; situações que mexam com a emoção e os sentimentos; utilização de estratégias didáticas que proporcionem uma associação mais rápida; uso de aplicativos do celular; e, é claro, o trabalho com músicas, mas sempre atentando para a forma como isso será feito, pois como aponta o Aluno 29:

(...) eu acho que primeiro tu *tem* que, sei lá, incentivar, tipo, *tem* que aprender primeiro as letras, como é que se pronuncia as palavras [...] não adianta deixar as lacunas abertas ali pra *mim* te responder sendo que eu vou escrever qualquer coisa que eu entendi, eu não sei escrever a palavra. (comunicação pessoal)

Além de tudo, os alunos demonstraram claramente que têm interesse por atividades práticas e dinâmicas que desenvolvam as habilidades necessárias para uma comunicação efetiva em língua inglesa: leitura (*reading*), escrita (*writing*), compreensão auditiva (*listening*) e fala (*speaking*), em conformidade com o que pressupõe a BNCC (Brasil, 2018). Das habilidades mencionadas na pesquisa, a fala recebeu destaque pelos estudantes, sendo mencionada como uma habilidade que é pouco ou nada desenvolvida na escola. Como exemplo, podemos citar o que o Aluno 40 sugere: "Mais conversação, mais diálogo (...) eu vejo, pelo menos, que desde o sexto ano, desde que tu *começa* a ver, a gente começa a ver muito o significado de palavras, e como é que escreve os verbos e coisa, mas a conversação não é trabalhada tanto" (comunicação pessoal). O Aluno 32 também externa sua preocupação com a necessidade de praticar a fala: "Eu acho que teria que ter aula de pronúncia, pronunciar as palavras, isso é algo que falta pra nós, porque é sempre na escrita, a professora fala inglês só que, tipo, nós escutamos, mas não praticamos" (comunicação pessoal).

Por conseguinte, podemos citar algumas atividades que foram apontadas pelos discentes e que atingem o propósito de desenvolvimento das habilidades anteriormente citadas: a leitura de poemas para a turma para a prática da pronúncia, assim como a gravação de vídeos e a realização de peças de teatros; a troca de correspondências com pessoas que falam inglês,

exercitando a escrita; o trabalho com vídeos e filmes com legendas, praticando a compreensão auditiva; a presença de falantes da língua inglesa na escola para conversar com os estudantes como forma de praticar a fala; o estabelecimento de uma conversação através de *sites*, a fala do próprio professor em inglês e a disponibilização de espaços para diálogos.

Considerações finais

Os dados apresentados apontam que as visões de língua inglesa predominantes entre os alunos e os professores entrevistados estão em consonância com a compreensão do inglês como uma língua global, usada no mundo inteiro como forma de comunicação viável entre os diferentes povos e que, portanto, a língua inglesa tem assumido o papel de uma língua franca, possível de ser utilizada em contextos locais com propósitos comunicativos diversos. Por essa razão, outra visão predominante é a de que o inglês apresenta um caráter de língua adicional, uma vez que acrescenta muitos benefícios ao dia a dia de seus falantes. Nesse sentido, o inglês tem deixado de ser considerado uma língua estrangeira, pertencente apenas àqueles que a dominam dentro de um território específico.

Por conseguinte, o modo como a língua inglesa tem sido vista influencia de forma positiva no ensino e na aprendizagem desse idioma. Ao ser considerada como uma língua que agrega inúmeras vantagens aos seus usuários, o inglês tem despertado cada vez mais o interesse dos estudantes, considerando que aqueles que o veem como um idioma possível de ser utilizado no presente interessam-se ainda mais pela sua aprendizagem em detrimento daqueles que o consideram como um idioma que apresenta mais possibilidades futuras de uso.

Observou-se, no entanto, que o interesse dos alunos pela língua inglesa, muitas vezes acaba diminuindo em virtude da metodologia utilizada em sala de aula, que não corresponde às expectativas dos educandos, pois, segundo os próprios alunos entrevistados, o que eles aprendem na escola não vai ao encontro dos usos que

pretendem fazer da língua, seja no cotidiano ou com vistas a situações comunicativas futuras. Ao serem priorizadas situações de aprendizagem nas quais o foco principal é o estudo de estruturas e regras gramaticais, a aula de língua inglesa restringe-se apenas ao objetivo de domínio do código, deixando de cumprir o papel de viabilizadora de espaços nos quais a língua-alvo possa ser utilizada em contextos reais, fazendo com que o aluno precise recorrer a diferentes habilidades linguísticas para o desenvolvimento de sua competência comunicativa com base nos princípios da inteligibilidade.

Em vista disso, constatou-se que, apesar de inúmeros fatores que desfavorecem o ensino de inglês nas escolas, tais como o grande número de alunos por turma e o número de horas semanais destinado à aprendizagem do idioma, é preciso conferir uma atenção especial à metodologia que vem sendo adotada nas salas de aula. Em relação a isso, os alunos e professores entrevistados relataram como experiências marcantes das aulas de língua inglesa as práticas que corroboram a proposição de tarefas e projetos com uma sequência estruturada, com propósitos claros, objetivos definidos e gêneros discursivos que vão ao encontro das temáticas em estudo.

Por fim, convém ainda destacar a necessidade de abertura de espaços na escola para que o ensino e a aprendizagem da língua inglesa sejam amplamente discutidos, a fim de que sejam assegurados seus objetivos e reconhecidas suas contribuições para a formação do estudante como um cidadão crítico, criativo e atuante, seja em contextos locais ou globais.

Referências

- Anjos, F. A. (2016). O inglês como língua franca global da contemporaneidade: em defesa de uma pedagogia pela sua desestrangeirização e descolonização. *Revista Letra Capital*, 1(2), 95-117. https://docgo.net/view-doc.html?utm_source=o-ingles-como-lingua-franca-global-da-contemporaneidade-em-defesa-de-uma-pedagogia-pela-sua-desestrangeirizacao-e-descolonizacao
- Berto, P. L. (2009). *English as a lingua franca: a study of brazilian english teachers' attitudes and opinions towards it* [Dissertação de mestrado em Estudos ingleses e americanos, Universidade de Lisboa]. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1711/1/21665_ulfo71889_tm.pdf
- Birello, M. (2012). Teacher Cognition and Language Teacher Education: beliefs and practice. A conversation with Simon Borg. *Bellaterra Journal of Teaching & Learning Language & Literature*, 5(2), 88-94. <https://www.raco.cat/index.php/Bellaterra/article/view/253372/340138>
- Brasil. (2017). Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. *Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_FF_110518_versaofinal_site.pdf
- Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. MEC http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf
- Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental*. MEC/SEF. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf
- British Council. (2014). *Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil*. Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Data Popular. Teaching English. British Council Teaching English. https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisaco_mpleta.pdf
- British Council. (2015). *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*. Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. Teaching English. British Council. https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oesinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf
- Coelho, H. S. H. (2005). "É possível aprender inglês na escola?" *Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas* [Faculdade de Letras da UFMG].
- Crystal, D. (2003). *English as a global language* (2. ed.). Cambridge University Press. http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_As_A_Global_Language_-_David_Crystal.pdf
- Jenkins, J. (2009). English as a lingua franca: interpretations and attitudes. *World Englishes*, 28(2), 200-207. https://www.researchgate.net/publication/227663650_English_as_a_Lingua_Franca_interpretations_and_attitudes
- Leffa, V. J. (2012). Ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Rev. Est. Ling.*, 20(2), 389-411. <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2755/2710>
- Leffa, V. J., & Irala, V. B. (2014). O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In Leffa V. J., & Irala V. B. (Orgs.), *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil* (v. 1, pp. 21-48). Educat. http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/03_Leffa_Valesca.pdf

Marzari, G. Q., & Badke, M. R. (2013). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS*. PUCRS. <https://www.maxwell.vrac.puc.rio.br/21827/21827.pdfxxvmi-qp7pfcf0api2a2jmhea2c0z-dochgcqcsqjjvw0w7qp91ssnaixdkzcznph4rihuobfxf-5fgvohoi60142m4ewruewwxoszp8vxnce5xtnmtnnzqa-3v7v1m3xlsqki0rhntvt3qhqdbf2b6dfclldjpb4iso2shjrlglph-dhvpwx2dbhfw4gtukczker2zkoggezkuuat75unczhs-ne6m0lf2lar2hv1cswnwq15vvsz6lszghmhsckedc>

Rio Grande do Sul. (2009). Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico (Org.). *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. SE/DP. https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf

Rosa, P. A. (2016). O inglês como língua franca na visão dos professores em exercício da educação básica. *Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista*, 8(1), 383-412. https://www.academia.edu/28988346/o-ingl%C3%8as_como_l%C3%8dngua_franca_na_vis%C3%83o_dos_professores_em_exerc%C3%8dicio_da_educac%C3%87%C3%83o_b%C3%81sica

Schlatter, M., & Garcez, P. de M. (2012). *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. Edelbra.

Selhorst, L. A., & Carvalho, R. de C. M. de. (2017). O inglês na visão dos alunos: um estudo de caso em uma escola pública. *BELT*, 8(1), 91- 101.

Marina Hofstätter Eidelwein

Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade do Vale do Taquari (Univates), em Lajeado, RS, Brasil; professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, em Bom Retiro do Sul, RS, Brasil.

Lívia Pretto Mottin

Mestre em Linguística e Letras e especialista em Estudos Avançados em Língua Inglesa, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; possui a certificação CELTA (Certificate of English Language Teaching to Adults) pela Cambridge Assessment English (2013). Foi docente da Universidade do Vale do Taquari (Univates), em Lajeado, RS, Brasil e coordenadora do curso de Letras, além de docente orientadora de Língua Inglesa do Programa de Residência Pedagógica (Capes). Tem atuado como consultora especialista em iniciativas de apoio à implementação da BNCC para instituições como British Council, Instituto Reúna e Fundação Lemann.

Endereço para correspondência

Marina Hofstätter Eidelwein
Cândido da Rosa Cardoso, 178
Centro, 95870-000
Bom Retiro do Sul, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram conferidos pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(a) autor(a) antes da publicação.